

BC puxa os juros para 35,5%

Desvalorização do real já chega a 36% e as saídas de divisas ficam em US\$ 219 milhões

Maria Luiza Abbott e Marcelo Aguiar

BRASÍLIA e RIO

O Banco Central elevou a taxa de juros ontem de 32,5% ao ano para 35,5%, na tentativa de diminuir a instabilidade nos mercados financeiros. O BC primeiro puxou os juros a 34%, nos negócios de ontem, e em seguida fixou as taxas para hoje em 35,5%. Com isso, o BC indicou que passará a elevar os juros em 1,5 ponto percentual por dia enquanto durar a instabilidade.

Segundo fontes do Governo, a elevação foi feita atendendo a uma sugestão do Fundo Monetário Internacional (FMI) e dos governos do G-7 (o grupo dos sete países mais ricos do mundo), que contribuíram para o pacote de socorro financeiro de US\$ 41,5 bilhões ao Brasil em novembro último.

A instabilidade da taxa de câmbio nos últimos dias, na avaliação de representantes do Governo, é uma demonstração de que a liquidez (quantidade de reais em circulação) está elevada e, portanto, o mercado tem fôlego para seguir comprando dólares e apostar numa desvalorização acima dos 20%, que era a máxima prevista pelos analistas. O dólar subiu ontem a R\$ 1,91 e o real já acumula desvalorização de 36% desde o dia 12 deste mês.

Os juros de 32,5% já vigoravam há uma semana, desde a aprovação no Congresso da contribuição previdenciária para servidores públicos inativos. A indicação dada pelo BC provocou altas taxas dos contratos futuros de juros (chamados DIs). O contrato que vence neste fim de janeiro saltou de 29,6% ao ano, no fechamento da véspera, para 38,06% ontem. Para fevereiro, as projeções subiram de 46,74% para 57,71%; e, para março ficaram em 57,52%.

Relaxar política monetária pode acarretar em aumento da inflação

A recomendação do FMI e do G-7 é de um aperto ainda maior de liquidez, não apenas com aumento de juros, mas com outros instrumentos de política monetária, como a elevação dos compulsórios dos bancos (quantidade de dinheiro que as instituições financeiras são obrigadas a depositar no BC). As experiências recentes no México, Coreia e Tailândia mostram, segundo avaliação do FMI, que um relaxamento na política monetária provoca explosões na taxa de câmbio e na inflação.

Essas medidas, no entanto, devem ser acompanhadas por maior rigor na política fiscal, ou a inflação sai de controle. A recomendação é que o Governo brasileiro deixe claro aos investidores

que eles vão ganhar mais se investirem em juros e não em câmbio. Seria o preço a pagar pela perda de credibilidade causada pela desvalorização abrupta.

O aperto na liquidez seria necessário também para impedir o aumento da inflação. Por isso, a orientação é de que os juros subam de forma que a taxa real (descontada a inflação prevista) fique acima do que era antes da flutuação do câmbio. Ou seja, se com previsão de inflação de 2% os juros estavam em 29%, agora teriam que subir o bastante para compensar uma inflação prevista de 10% e ainda inibir altas de preços.

Essa posição coincide com a do ministro da Fazenda, Pedro Malan, mas esbarra na chamada ala desenvolvimentista do Governo. A argumentação da equipe econômica é de que a alta dos juros é temporária. Não se trata de defender uma taxa de câmbio desacreditada, mas de um instrumento passageiro para segurar a inflação, como aconteceu na Coreia. A economia coreana já está em fase de recuperação, com reservas de US\$ 50 bilhões, equivalentes a 10% do Produto Interno Bruto (PIB).

Novas medidas de ajuste fiscal virão. Com uma inflação de 6%, se o Governo federal e os governos estaduais deixarem de reajustar a folha de salário ganharão cerca de R\$ 6 bilhões no ano.

BC errou, para mais, em US\$ 199 milhões no fluxo cambial

Essa elevação na taxa, entretanto, não bastou para conter a saída de divisas do país. Até o início da noite, as saídas somavam cerca de US\$ 220 milhões, sendo que as perdas dessa vez foram maiores pelo mercado de taxas flutuantes — usado por brasileiros para tirar dinheiro do país. O saldo do flutuante estava negativo em US\$ 137 milhões.

Ontem, o BC descobriu que havia errado no saldo cambial que divulgara na véspera e constatou que a saída líquida de divisas foi menor. Uma operação de saída de US\$ 199 milhões foi cancelada e o saldo ficou negativo em US\$ 339 milhões, e não em US\$ 538 milhões.

Parte do dinheiro que saiu ontem, segundo operadores de câmbio, voltou ao país sem registro pelo mercado paralelo. O preço do dólar cabo (segmento do paralelo usado para remessas) caiu ontem de R\$ 1,75 para R\$ 1,65. O dólar turismo, entretanto, subiu e chegou a ser vendido a R\$ 2,05, no Citibank.

O dólar comercial voltou a bater R\$ 1,97, mas cedeu e acabou fechando a R\$ 1,91, com alta de 3,80% no dia.

• BOAVISTA VAI RESSARCIR PARTE DAS PERDAS DOS COTISTAS, na página 26

A VARIAÇÃO DO DÓLAR COMERCIAL

